

Editorial

A revista *Atualidade Teológica*, neste segundo fascículo de 2016, introduz uma seção de dossiê de artigos numa temática selecionada, seguida de uma seção de artigos em temas diversos nas áreas de teologia bíblica e sistemático-pastoral. Mantemos ainda (em 2016) a seção das comunicações. A primeira delas se inclui no dossiê, ficando as outras duas entre os temas diversos. Neste editorial propomos uma primeira penetração de cada qual desses artigos e comunicações.

A temática do dossiê é a do diálogo ecumênico e inter-religioso. O dossiê compõe-se de três artigos. Um deles é tomado do diálogo ecumênico entre cristãos, mais exatamente entre metodistas e católicos. O segundo artigo lança o olhar para o diálogo católico-judaico. O terceiro procura abertura e comunicação entre diálogo e missão. Uma das comunicações se insere na temática do dossiê, procurando uma aproximação ao diálogo das religiões.

O primeiro artigo do dossiê é da autoria do Dr. Gerson Lourenço Pereira. A sua contribuição está no âmbito do diálogo ecumênico, entre cristãos de diferentes tradições, mais concretamente no diálogo metodista-católico. O autor procura as “direções para a espiritualidade ecumênica” e apresenta “um olhar de um não católico”, metodista, sobre o decreto *Unitatis Redintegratio*. Em especial, destaca desse documento os princípios do chamado “ecumenismo espiritual”, que envolve conversão do coração e santidade de vida e as preces pela unidade dos cristãos, mas também apontando para o diálogo sobre as Sagradas Escrituras. Delineia, ainda, pontes no diálogo católico-metodista. Aponta, no final, para a caridade e o serviço diaconal.

O segundo artigo do dossiê é da autoria do Dr. Jesus Hortal, sobre a

salvação dos judeus. É uma contribuição na perspectiva do diálogo judaico-cristão. Aborda o Novo Testamento e a Declaração *Nostra Aetate*, do Concílio Vaticano II, e ainda o Catecismo da Igreja Católica. No desenvolvimento do artigo, faz um percurso histórico, no qual menciona antijudaísmo e antissemitismo. Para a compreensão teológica do tema do artigo, destaque dá para a teologia paulina, especialmente para Rm 9, 4-5 e Rm 11, 25-29. Deseja que o estudo venha a ser complementado, por outro lado, com uma visão do Talmude e da tradição judaica, por um expositor judeu, e acentua que tal contribuição seria boa para o conhecimento dos cristãos. Tendo em vista o diálogo religioso com o Judaísmo e os documentos dados nesse diálogo, conclui que “o caminho está aberto”, e que é preciso “continuar a percorrê-lo”.

O terceiro artigo do dossiê é da autoria do Dr. David Mesquiati de Oliveira. Pergunta-se pela “questão da missão cristã em um mundo plural” e “assume o diálogo inter-religioso como um valor”. Discorre sobre “pluralismo, diálogo inter-religioso e missão”. Na primeira seção, o autor procura uma abertura para a pluralidade. Destaca, no empenho católico, a abertura do concílio do Vaticano II diante das religiões; depois contempla o “mundo protestante, evangélico e pentecostal”. Existem limites de uma e outra parte, mas “demanda-se um tempo de cura, de restauração e de reparação”. Numa segunda seção, o autor discorre sobre a perspectiva cristã da economia salvífica, onde há uma única economia salvífica e a referência central e normativa é a pessoa de Jesus. Acentua uma dimensão de universalidade. O autor pergunta pela missão diante do pluralismo e delinea modelos diversos de missão. Ele percebe um desafio: o de ser ao mesmo tempo missionário e dialogal; o ponto de partida então não estaria na doutrina e sua sistematização, mas no respeito e na procura de pontes.

A primeira comunicação, que vai dentro do dossiê, refere-se ao diálogo das religiões na perspectiva de Andrés Torres Queiruga. Admite a complexidade do tema e a sua referência ao Mistério. Observa que os interlocutores do diálogo devem ter abertura e superar preconceitos. Sugere “uma radical e fraterna comunidade formada por todas as religiões, que devem buscar a máxima comunhão possível, como resposta ao amor universal de Deus”. Explicita, com Queiruga, que a revelação não pode significar favoritismo; mas afirma que ela se dá na particularidade das religiões e se descobre como numa maiêutica. O autor tem em vista um encontro das religiões, as quais seriam a seu modo verdadeiras, e as quais dialogariam sem competições, de modo tal que no diálogo todos poderiam aprender.

A seção de artigos em temas diversos inclui: um estudo bíblico sobre a Jerusalém celeste no Apocalipse de João; um estudo teológico-pastoral a respeito do laicato, tendo diante dos olhos o recente documento (aprovado na assembleia geral de 2016) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil; um artigo de reflexão sobre o Dogma enquanto remete ao encontro com a Pessoa de Jesus, verdadeiro Evangelho e Caminho; e um estudo sobre a contribuição mística de Santo Inácio de Loyola. Tracejemos em seguida

O primeiro artigo dessa segunda seção, de temas diversos, é da autoria do Dr. Pedro Paulo Alves dos Santos e constitui um estudo bíblico sobre a Jerusalém Celeste, com base no livro do Apocalipse, de São João. O tema de da Nova Jerusalém “envolve tanto a Igreja como a Humanidade”. O autor propõe uma introdução panorâmica do Livro do Apocalipse e descreve a Nova Jerusalém. Analisa textos seletos do Apocalipse. Lança um olhar sobre o contexto bíblico de Israel. Aponta para um horizonte universal da salvação. Ele destaca a “cidade-esposa”, que “constitui o cume da história da Salvação”. Para o autor, já não mais se separa a Transcendência da Imanência, pois nela “Deus, seu Cordeiro e a Humanidade” poderão conviver, no Amor de Deus. Mostra-se a perspectiva escatológica e proclama-se o fim da morte e do sofrimento, dado a afirmação bíblica de que “Deus enxugará as lágrimas de todas as faces”. O autor conclui que “a Jerusalém Nova, dom de Deus que desceu do céu, abrigará a todos!”.

O segundo artigo dessa segunda seção, de temas diversos, é da autoria do Dr. Joel Portella Amado, sobre o laicato no atual momento evangelizador, com bases de antropologia teológica e de eclesiologia, integrando individualidade, relacionalidade e comunhão. Tem em conta a mudança de época, que leva a uma nova busca de possibilidades e de referências. O autor lembra que importa recomeçar a partir de Jesus Cristo. Mostra como leigos e leigas devem ser compreendidos como sujeitos eclesiais, ponto destacado no documento da CNBB de 2016. Tanto o mundo como a Igreja são vistos como lugares de atuação do laicato, de modo que “fazendo a experiência *ad intra*, o laicato transborde *ad extra* na construção do Reino de Deus”. Faz ver que a formação dos leigos tem como base a experiência de comunidade eclesial e que existe uma missão do laicato na própria Igreja, sendo que esta, como sinal de salvação, é impelida a buscar formas novas de viver e manifestar a comunhão radical e escatológica, comportando também serviços ou ministérios leigos, com uma contribuição insubstituível para a riqueza da comunhão. Abre-se “uma perspectiva missionária em chave

inculturadora”, na relação da Igreja com o mundo, “de escuta e de fala”, onde os leigos conhecem as alegrias e dores do mundo e nele se comunicam com a “língua da comunhão de vida”.

O terceiro artigo dessa segunda seção é da autoria do Dr. David de la Torre. Faz ver que o Dogma é uma palavra referida. Ou seja, que ele está referido a Jesus Cristo. O autor tem em conta que, numa sociedade em que tudo é passageiro e relativo, fica questionado o significado do dogma. Reconhece o risco de se deixar coisificar a fé cristã em fórmulas doutrinárias vazias. Observa, porém, que a fé não se reduz a uma lista de premissas lógicas, mas antes deve estar referida à pessoa mesma de Jesus Cristo. Ela consiste numa relação com Ele, que é “Senhor e único Evangelho da Misericórdia do Pai, acontecimento salvífico absoluto”. É dele, então, que dão testemunho os dogmas, dado que estes só encontram sua razão de ser na “dependência essencial à Pessoa concreta de Jesus Cristo como verdade que liberta, como caminho no tempo para um Deus sempre novo”.

O quarto artigo da segunda seção é da autoria do Dr. Edgard Leite Ferreira Neto. É um estudo sobre Santo Inácio de Loyola como um tradutor, no contexto da mística. O autor se reporta à tradição mística católica precedente. Interpreta que o “falar profético” traduz a realidade divina. Considera que os exercícios espirituais enquanto práticas ordenadas para conduzir na direção de Deus foram frequentes, mas que Santo Inácio propõe sua instrução de exercícios espirituais como um novo tradutor de experiências com Deus, ou seja, “um experimentador da Eternidade e um produtor de sentidos, um tradutor, expressando a relação íntima com Deus” em meio a temas diversos da modernidade. Ele no mundo contemporâneo “estabelece as bases de uma individualidade temente a Deus repleta de Espírito, de uma racionalidade voltada à Redenção e à fonte de vida, e um projeto de subjetividade que contém a quantificação”, dentro de uma dimensão maior – “no interior do mistério de Deus”.

As outras duas comunicações estão entre os temas diversos, apontando para uma teologia do amor e para uma aproximação da teologia da revelação com a literatura.

A segunda comunicação é da autoria do Dr. Rodrigo Cardoso Condeixa da Costa, propõe uma reflexão sobre a *Ordo Amoris (theologia amoris)*. Ela se pauta no “amor concreto que nasce de um coração humilde e aberto a Deus, ao outro, sobretudo nos mais sofridos, um coração sensível ao mundo”. Tem como pressuposto que o amor é a base da vida cristã, a proposta do Reino de

Jesus e o sentido da vida. Considera como “fora do amor não há salvação” e ainda que “fora de um coração aberto e humilde não há salvação”. Registra como o amor foi entendido pelos antigos, como os mitos permanecem vivos, especialmente o do Paraíso, com a esperança escatológica (de plenitude). Conclui lembrando que Deus é Amor.

A terceira comunicação, do Mestre em Teologia Alexandre Patucci de Lima, busca aproximações entre teologia e literatura, segundo Adolphe Gesché, pensando em analogias entre o fazer literário e a categoria teológica de revelação. O conceito de revelação não é tomado de modo unívoco e o autor concluirá que a teologia tem seu contributo específico, com seu discurso próprio. Porém, o mesmo autor quer relacionar discurso teológico com perspectiva antropológica, ou voltada para o ser humano, para falar “não somente de um discurso sobre Deus, mas um discurso que ao falar de Deus fala ao homem”. O autor sugere que a literatura tem sua “revelação” de mundo e “auxilia na compreensão e desenvolvimento de uma teologia”.

Com esta primeira abordagem dos dez textos oferecidos, agradecemos aos autores a sua valiosa contribuição e convidamos os leitores a participarem de nossa reflexão sobre os diálogos e sua atualidade e sobre os outros temas tão importantes de teologia bíblica e de teologia sistemático-pastoral.

Rio de Janeiro, 06 de junho de 2016

Maria Teresa de Freitas Cardoso
Editora